

Evolução recente da indústria de cortiça

Helena Pereira e Augusta Costa

Centro de Estudos Florestais, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa, 1340-017 Lisboa

A indústria da cortiça em Portugal caracterizou-se desde há algumas décadas por aspectos, amplamente reconhecidos e analisados, de que se salientam os seguintes: localização da indústria transformadora longe da produção da matéria prima; separação da actividade industrial em sub-sectores mais ou menos individualizados, com um número muito elevado de pequenas unidades empresariais e fabris, principalmente preparadoras e rolheiras, utilizando processos de baixa tecnologia e em condições ambientais e de segurança laboral deficientes; um número reduzido de produtos, principalmente em relação às rolhas de cortiça natural.

Recentemente, e principalmente desde o final da década de 90, assiste-se a mudanças importantes no tecido industrial da cortiça, que têm por base os seguintes factos: disponibilidade de instrumentos financeiros com incentivos específicos para o sector da produção e transformação da cortiça; crescente tomada de consciência sobre os aspectos ambientais, de biodiversidade e de sustentabilidade ecológica associados à produção e transformação da cortiça; desenvolvimento de associações de produtores com crescente informação e competência; concorrência de produtos sintéticos e questionamento internacional sobre a qualidade funcional das rolhas e a sustentabilidade da produção de cortiça; crescimento da produção e comercialização internacional de vinhos em mercados novos.

Destes factos resultaram e estão em curso transformações importantes na indústria de cortiça que se traduzem, entre outras, na criação de novas unidades fabris com introdução de novas tecnologias de processo, principalmente a nível da 1ª transformação, alteração da localização das unidades industriais para as zonas de produção suberícola, acompanhadas de concentração industrial, e introdução de novas soluções técnicas para o fabrico e acabamento de rolhas. Nas zonas suberícolas instalaram-se, ou estão em instalação, capacidades de preparação de cortiça de aproximadamente 70 mil toneladas e de granulação de 15 mil toneladas.

O processo de deslocação da indústria corticeira de Santa Maria da Feira a nível de 1ª transformação deverá continuar pelo que tal significará que, em poucos anos, a quase totalidade da preparação da cortiça amadia estará localizada junto das zonas de produção suberícola. O papel dos programas de incentivos foi determinante nesta evolução, tendo sido os industriais corticeiros os principais beneficiários.

Pelo menos em algumas das empresas, seguindo uma estratégia de desenvolvimento já declarada, deverá ocorrer no futuro a integração da 2ª transformação, com a produção de rolhas, sendo de prever que tal venha a ocorrer com parte das novas unidades. Deste modo, poder-se-á assistir nos próximos anos a uma segunda fase de deslocação da actividade industrial, agora a nível da actividade rolheira, para as zonas suberícolas do Alentejo.

A consequência a nível de emprego far-se-á sentir principalmente no concelho de Santa Maria Feira, atingindo maioritariamente as micro-empresas de preparação e rolheiras, cujo número deverá diminuir fortemente nos próximos anos.

1. Introdução

A produção de cortiça constitui, desde há muito, uma actividade económica relevante para Portugal, com importância crescente desde a segunda metade do século XIX, e correspondendo a um dos mais importantes produtos singulares de exportação nacional (Sampaio 1977).

A transformação industrial da cortiça desenvolveu-se mais lentamente, adquirindo importância nacional principalmente a partir dos anos sessenta do século XX, quando se desenvolveu de modo determinante a capacidade transformadora nacional, que levou o país a exportar principalmente produtos acabados em detrimento das exportações de matéria prima e produtos semi-manufacturados. De facto, até 1960, as matérias primas representavam mais de 75% do volume total de materiais de cortiça exportados, reduzindo progressivamente o seu peso para cerca de 50% em 1965, 40% em 1975 e mais significativamente só depois do início dos anos 80, com 20% do volume de exportações em 1982, valor que se mantém mais ou menos constante até hoje (Sampaio 1977, Pereira 1984).

A importância da cortiça na economia tem tido também um reconhecimento recente, a nível do discurso estratégico sectorial e nacional, acompanhado por algumas medidas de apoio ao desenvolvimento e modernização. Entre os factores envolvidos no estabelecimento do papel importante da cortiça em Portugal, destacam-se:

(a) A nível da agricultura e florestas:

- a dimensão da área florestada com sobreiros (aproximadamente 730 mil hectares, correspondendo à espécie com a segunda maior área de floresta em Portugal)
- a produção de cortiça, no montante estimado de 189 mil toneladas por ano, a que poderá corresponder um valor transaccionado de perto de 550 milhões de euros, e que deverá corresponder a 51% da produção mundial anual de cortiça
- o facto de na maioria das áreas onde se desenvolvem os sobreiros não haver alternativas com viabilidade económica, por razões climáticas ou de solos

(b) A nível industrial:

- a dimensão do sector transformador de cortiça, que possui um número muito elevado de unidades industriais registadas e que empregam cerca de 15 000 trabalhadores, correspondendo à transformação de cerca de 60% da produção mundial de cortiça
- a tecnologia de transformação ser maioritariamente de desenvolvimento nacional, com as repercursões a montante no fornecimento de equipamentos e serviços
- a existência de grupos económicos no sector com capacidade de investimento e inovação

(c) A nível das trocas comerciais:

- o sector ser um exportador líquido de produtos de cortiça, importando ainda cerca de 20% da matéria prima transformada na indústria
- o país possuir agentes de comercialização no mercado internacional
- o peso que os produtos de cortiça detêm no quadro das exportações nacionais (correspondendo a cerca de um terço do valor das exportações de produtos florestais e a 3% das exportações nacionais) e a sua relativa estabilidade temporal

(d) A nível do conhecimento e reconhecimento

- o país possuir um conhecimento real, e reconhecido internacionalmente, sobre o sobreiro, a produção de cortiça, a cortiça como material, a sua transformação e o desenvolvimento de produtos
- existência de investigação, desenvolvimento técnico e inovação
- reconhecimento internacional do país como o principal fornecedor de produtos de cortiça.

A caracterização da indústria da cortiça em Portugal tem sido feita no passado recente por diversos autores, sendo amplamente conhecidos os seus principais aspectos. No entanto, e principalmente desde o final da década de 90, assiste-se a mudanças importantes no tecido industrial da cortiça, que têm por base, entre outros, os seguintes factos:

- disponibilidade de instrumentos financeiros com incentivos específicos para o sector da produção e transformação da cortiça.
- desenvolvimento de associações de produtores, com crescente informação e competência;
- crescente tomada de consciência sobre os aspectos ambientais, de biodiversidade e de sustentabilidade ecológica associados à produção e transformação da cortiça;
- concorrência de produtos sintéticos e questionamento internacional sobre a qualidade funcional das rolhas e a sustentabilidade da produção de cortiça;
- crescimento da produção e comercialização internacional de vinhos em mercados novos;

Destes factos resultaram, e estão em curso, transformações importantes na indústria de cortiça que se traduzem nas unidades industriais, nas tecnologias de processo, nas características dos produtos finais assim como na estratégia de marketing e gestão de imagem. Analisam-se seguidamente os contornos desta evolução no que diz respeito ao tecido industrial e tecnologias de processamento.

2. Caracterização da indústria corticeira até finais dos anos 90

Das diferentes análises que foram feitas no passado recente à indústria da cortiça, em termos de dimensão, localização e tipo de actividade, e que pode constituir o termo de referência para a evolução em curso, toma-se aqui as que tiveram por base os dados estatísticos do Instituto dos Produtos Florestais (IPF) e referentes a 1983 (Pereira *et al.* 1985, Barros *et al.* 1986, Pereira 1986). De facto, a base de dados existente no IPF, construída a partir dos boletins mensais enviados pelas empresas, constitui a informação mais fiável referente ao sector, dada a obrigatoriedade então existente do fornecimento da informação, que cobria a totalidade do sector. Pese embora a evolução industrial verificada no final dos anos 80 e nos anos 90, por exemplo, com o desaparecimento de algumas empresas e o fortalecimento de outras, o quadro então caracterizado manteve-se, no essencial, até aos anos mais recentes.

Em 1983, o número de unidades industriais registadas era de 781, mas com grau de inactividade de 11,5%. Das 691 empresas com produção, 25% não empregava pessoal remunerado, 28% possuíam de 1 a 4 trabalhadores remunerados e só 4% das empresas empregavam mais de 100 trabalhadores. O sector empregava um total de 15 449 assalariados, com uma qualificação técnica baixa, com apenas 0,4% do total correspondendo a pessoal técnico e 8,2% a pessoal de gestão e administração.

A actividade industrial podia classificar-se do seguinte modo:

- empresas exclusivamente preparadoras, que preparavam e comercializavam prancha de cortiça cozida, representando 19,7% do total das unidades
- empresas exclusivamente rolheiras, que brocavam prancha de cortiça e produziam rolhas de cortiça natural, representando 52,5% do total das unidades
- empresas de especialidades, incluindo a produção de discos e outros produtos de cortiça natural, representando 4,2% do total
- empresas exclusivamente granuladoras, com 0,4% do total
- empresas produtoras de aglomerados compostos e processadoras de aglomerados compostos, com respectivamente, 2,0% e 1,6% do total
- empresas produtoras de aglomerados negros, com 0,7% do total
- empresas mistas, englobando mais do que uma das actividades anteriores, num total de 129 unidades (18,7% do total) e nas quais se destacam: 84 unidades que incluem a preparação, o fabrico de rolhas e/ou especialidades, 8 unidades que incluem a preparação e a granulação e 4 unidades o fabrico de rolhas e a granulação.

A localização das unidades industriais é maioritariamente no concelho de Vila da Feira e limítrofes, que concentra 62% do total, correspondendo ao distrito de Setúbal 22% das unidades, 7% ao Algarve e 5% ao distrito de Évora. A maior

parte da preparação da cortiça encontra-se nos distritos de Setúbal, Évora, Faro, Portalegre e Santarém, enquanto que 66% dos aglomerados são produzidos no distrito de Setúbal e a maior parte da produção de rolhas é feita no distrito de Aveiro. A especialização do concelho de Santa Maria da Feira e limítrofes na produção de rolhas foi muito acentuada no final dos anos 70: em 1975, o distrito da Aveiro produzia 37% das rolhas e os de Setúbal e Faro, respectivamente 16% e 14%; em 1982, 92% das rolhas eram produzidas em Aveiro, com 6% e 2% em Setúbal e Faro.

A localização das unidades mostra uma não concordância espacial com as fontes de matéria prima industrial. Uma análise comparativa das produções de cortiça e dos consumos de matérias primas nas indústrias, mostrou que os distritos produtores de cortiça, principalmente Beja, Évora, Portalegre e Santarém, possuíam uma disponibilidade de cortiça de aproximadamente 60 mil toneladas enquanto o distrito de Aveiro requeria uma entrada de 51 mil toneladas. Deste modo, cerca de 50 mil toneladas de cortiça amadia viajavam anualmente do sul do rio Tejo para Santa Maria da Feira, para depois regressarem parcialmente como aparas de broca para as unidades granuladoras e aglomeradoras do distrito de Setúbal.

Mais recentemente, a Associação Portuguesa de Cortiça (APCOR 2000) refere a existência de 1 100 unidades industriais, empregando 15 mil trabalhadores. Um total de 825 unidades industriais estão concentradas no concelho de Santa Maria da Feira, onde do emprego de 11 000 trabalhadores se estimam depender 50 000 pessoas (perto de 40% dos habitantes do concelho). Das unidades existentes, 50 são exclusivamente preparadoras, 30 aglomeradoras e 1020 rolheiras. No total só 30 unidades possuem mais de 100 trabalhadores e 128 entre 20 e 100 trabalhadores. A maioria são pequenas unidades de menos de 20 trabalhadores (48 em 50 na preparadora, 888 em 1020 nas rolheiras e 6 em 30 nas aglomeradoras).

Neste período, manteve-se o essencial da estrutura do sector industrial corticeiro, verificando-se apenas um reforço da capacidade produtiva em Santa Maria da Feira, incluindo uma maior capacidade de transformação dos desperdícios da produção de rolhas em unidades de produção de aglomerados compostos. Verificou-se igualmente um reforço das maiores unidades, com uma melhoria da sua capacidade técnica e de gestão.

Deste modo, a indústria da cortiça é caracterizada por:

- concentração industrial elevada em zona não produtora de matéria prima: para Santa Maria da Feira converge a maior parte da cortiça amadia produzida
- dominância da actividade rolheira a nível do número de empresas e de trabalhadores.

- número elevado de pequenas empresas, com poucos ou nenhuns assalariados, correspondendo a empresas familiares, sem actividade ou apenas de comercialização.
- pequena capacidade técnica na maioria das empresas.

Deste modo, as recomendações feitas para o sector da cortiça tem concordado, entre outras medidas, no incentivar e apoiar a localização de unidades processadoras de cortiça nas zonas produtivas (Pereira 1984). Tal parece ter acontecido desde 1995, em consequência directa da aplicação de programas de incentivos com esta orientação.

3. Incentivos à transformação industrial

Os incentivos à modernização e fortalecimento do sector da cortiça com maior efeito na transformação industrial da cortiça têm sido principalmente suportados pelos programas de apoio ao desenvolvimento do sector florestal, na sua componente da cortiça, ao abrigo de programas comunitários.

Os primeiros projectos apoiados foram ao abrigo do programa PAMAF, medida 5. Neste programa, e na vertente transformação industrial da cortiça, foram considerados prioritários investimentos do seguinte tipo:

- criação ou modernização, em zonas suberícolas, de unidades de 1ª transformação industrial da cortiça (preparação e/ou a trituração/granulação)
- criação, em zonas suberícolas, de unidades transformadoras de desperdícios de cortiça para obtenção de produtos novos
- aquisição de equipamento para o aproveitamento industrial das águas de cozedura
- construção de instalações e aquisição de equipamento para tratamento de efluentes da cozedura da cortiça.

Com tais medidas esperava-se uma maior ligação entre produtores suberícolas e industriais corticeiros, uma maior participação dos produtores e das zonas suberícolas nas vantagens económicas da transformação industrial da cortiça.

Este programa foi continuado pelo programa AGRO, actualmente em curso, que manteve no essencial os objectivos estratégicos e os investimentos prioritários, acrescentando-lhes a transacção directa entre produtores e industriais na comercialização da cortiça, a melhoria das condições de transformação e de qualidade das matérias primas e produtos e a criação de emprego.

Diversos projectos foram apresentados e co-financiados por estes programas, a partir de 1995, encontrando-se alguns deles em funcionamento, outros em fase de conclusão ou ainda em desenvolvimento. No entanto, desde já é visível uma

alteração significativa na localização e dimensionamento das unidades industriais, acompanhada por alterações nas tecnologias e processos de transformação.

4. Evolução da indústria corticeira a partir de finais dos anos 90

O objectivo da participação das zonas suberícolas na transformação industrial da cortiça, com a consequente criação de emprego, tem vindo a ser atingido a partir de 1995.

Um dos projectos co-financiados pelo programa PAMAF foi a criação de uma nova unidade industrial no concelho de Coruche, a EQUIPAR – Indústria de Cortiça Lda., pioneira e percursora em muitos aspectos da transformação do sector. Como tal, merece destaque e a sua análise exemplifica algumas das tendências da evolução.

Esta unidade foi constituída em 1995 por produtores de cortiça associados à ANSUB (Associação de Produtores Florestais do Concelho de Coruche e Limitrofes) e indústrias de cortiça na região (Subercentro, Robinson, M.J. Orvalho e Aplicork). A fábrica entrou em funcionamento em 1996 com a preparação de cortiça e produção de prancha traçada, em 1977 iniciou a produção de granulados, em 1998 a produção de rolhas de cortiça natural, em 1999 o acabamento de rolhas e o início da produção de rolhas aglomeradas por extrusão de bastão aglomerado. Actualmente a EQUIPAR processa por ano 1 500 toneladas de cortiça amadia, com capacidade para quintuplicar, e a linha de produção de rolhas tem a capacidade de 200 mil rolhas/dia.

O processo de transacção de cortiça no mato utilizado foi inovador, pois permite a formação do preço da cortiça mediante critérios conhecidos e objectivos, através da realização de uma amostragem realizada na árvore no ano de descortiçamento pela ANSUB, baseando-se nos métodos de amostragem estabelecidos pela Direcção Geral das Florestas (MDGF 5) e posteriormente pelo Centro de Estudos Florestais do Instituto Superior de Agronomia (projecto CORKASSESS).

A empresa recorre à subcontratação de micro-empresas para a brocagem de rolhas de cortiças grossas em broca semi-automática, que depois incorpora na fase de acabamento e à venda ao exterior da cortiça delgada e da cortiça com verde. A cortiça é laborada por lotes (herdade de origem), mantendo-se durante todo o processo a rastreabilidade com a identificação do respectivo lote, e efectua-se um controlo da qualidade da matéria-prima e dos produtos produzidos.

Os vários aspectos de estratégia de evolução desta empresa foram, no essencial, seguidos pelas empresas que seguidamente se candidataram e beneficiaram dos programas de apoio. Esses aspectos podem ser sistematizados como: ligação mais directa à produção, localização na zona de produção, integração racional do processamento, optimização das operações de processamento, caracterização e certificação dos produtos.

No entanto, apenas esta unidade constitui uma participação efectiva dos produtores suberícolas na transformação da cortiça, verificando-se que todos os outros beneficiários dos programas são industriais da cortiça.

No total dos projectos, da ordem da vintena, estão incluídas duas unidades de granulação em Évora e Vendas Novas, para o processamento de aproximadamente 15 mil ton. de cortiça. As outras unidades, na sua maioria correspondendo à criação de novas unidades, incluem a preparação de cortiça e localizam-se em Ponte de Sôr, Coruche, Setúbal, Alcácer do Sal, Vendas Novas, Évora, Portalegre, Alter do Chão, Estremoz, Montemor-o-Novo e S. Brás de Alportel, correspondendo aproximadamente ao processamento anual de 70 mil toneladas. A dimensão das unidades é grande para dois casos (15 mil toneladas cada, em Ponte de Sôr e Coruche) e média em geral para os outros casos, com valores de laboração entre 1 e 5 mil toneladas. O número de trabalhadores estimado é 600.

As indústrias preparadoras estão associadas com a actividade granuladora, para fabrico de bocados partidos (“broken”) ou granulado e também, em alguns casos com a produção de discos a partir das cortiças delgadas. A integração da actividade rolheira é declarada em 3 unidades. Em muitos casos, será possível do ponto de vista espacial a inclusão posterior de linhas para fabrico de rolhas.

Deste modo verifica-se que será nas zonas de produção da cortiça, principalmente no Alentejo, que se fará a preparação de mais de metade das necessidades de cortiça, correspondendo a aproximadamente 70 mil toneladas. Verifica-se também que, em geral, se procura integrar a produção associando a preparação da cortiça ao fabrico de discos com as cortiças delgadas e à trituração dos refugos e aparas.

Deste modo, num período inferior a dez anos, foi possível deslocalizar a preparação da cortiça para as suas áreas de produção, em grande parte devido às condições de elegibilidade e aos incentivos oferecidos pelos programas aplicados. Para esta deslocação das indústrias sem dúvida contribuíram também a pressão urbana e os limites espaciais impostos por grande parte das instalações actuais, assim como os apoios oferecidos pelas Câmaras Municipais das zonas da nova instalação, muitas vezes oferecendo, a preço simbólico, terrenos nas suas zonas industriais em desenvolvimento.

5. Modernização tecnológica e processual

As novas unidades e os projectos de modernização das unidades existentes incluem equipamento de desenvolvimento recente, práticas adequadas à higiene e qualidade das matérias primas e produtos, destacando-se entre outros:

- novos tanques de cozedura, que substituem os antigos tanques abertos e com aquecimento directo, incluindo normalmente autoclaves fechadas, filtração das

águas de cozedura, e posterior circulação com a utilização de permutadores de calor; em alguns casos é introduzida a remoção de voláteis como decréscimo do conteúdo em TCA da cortiça e a operação pode ter um grau de automatismo elevado

- sistemas exteriores de tratamento das águas de cozedura, consistindo quer no tratamento completo para reutilização quer em pré-tratamento antes da descarga em ETAR municipal
- utilização de tanques de secagem para a cortiça verde, adaptados das indústrias de madeira
- diminuição do tempo de repouso após cozedura para aproximadamente 2 a 5 dias.
- controle da proveniência das cortiças ao longo do processo (rastreadibilidade)
- transportes mecanizados da cortiça a nível fabril
- utilização geral de áreas pavimentadas, nomeadamente para a matéria prima, e cumprimento das regras das boas práticas estabelecido no Código das Boas Práticas Rolheiras
- trituração dos refugos e desperdícios

6. Perspectivas futuras

O processo de deslocação da indústria corticeira de Santa Maria da Feira a nível de 1ª transformação deverá continuar tirando partido dos incentivos oferecidos pelos programas de apoio, sendo conhecida a preparação de candidaturas de algumas empresas. Deste modo, tal significará que em poucos anos, a quase totalidade da preparação da cortiça amadia estará localizada junto das zonas de produção suberícola. O papel dos programas de incentivos foi determinante nesta evolução, tendo sido os industriais corticeiros os principais beneficiários.

Pelo menos em algumas das empresas, seguindo uma estratégia de desenvolvimento já declarada, deverá ocorrer no futuro a integração da 2ª transformação, com a produção de rolhas, sendo de prever que tal venha a ocorrer com parte das novas unidades. Deste modo, poder-se-á assistir nos próximos anos a uma segunda fase de deslocação da actividade industrial, agora a nível da actividade rolheira, para as zonas suberícolas do Alentejo. É de referir que percursora desta evolução é já a integração da produção de discos a partir das cortiças delgadas realizada em quantidade significativa nas novas unidades instaladas.

A consequência a nível de emprego far-se-á sentir principalmente no concelho de Santa Maria Feira, atingindo maioritariamente as micro-empresas de preparação e rolheiras, cujo número deverá diminuir fortemente nos próximos anos.

Referências bibliográficas

Pereira, H. 1984. Produção e utilização da cortiça: situação actual e perspectiva de desenvolvimento, Cortiça 545: 99-112

Pereira, H., J. Graça, L. Barros 1985. Distribuição geográfica e emprego na indústria corticeira, Cortiça 565: 665-673

Barros, L., J. Graça, H. Pereira. 1986. Classificação das unidades industriais corticeiras por tipo de actividade, Cortiça 570: 93-106

Pereira, H. 1986. Produção e transformação da cortiça no Alentejo: evolução e perspectivas de desenvolvimento, Cortiça 567: 15-20

Sampaio, J.S. 1977. À la recherche d'une politique économique pour le liège au Portugal. Lisboa, pp.243